

MARIA DOMINGAS MAZZARELLO
EXPERIÊNCIA FEMININA DO CARISMA SALESIANO

Madre Rosetta Marchese FMA *

O tema que me foi proposto para desenvolver, nesta Semana Salesiana, enfoca a “Experiência do carisma salesiano vivido por Maria Domingas Mazzarello, Co-fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas de Dom Bosco).

Mulher, ainda pouco conhecida por nós, dotada de alma instintivamente salesiana, foi de tal modo preparada pelo Espírito Santo que, desde o seu primeiro encontro com Dom Bosco, intuiu sua santidade e seu projeto apostólico.

De tal maneira compreendeu e tão fortemente assumiu a vocação salesiana, nela empenhando toda sua sabedoria, seu amor e criatividade feminina, que Pio XII, na homilia da canonização, a definiu como “a que viveu à sombra de Dom Bosco (Roma, 24/06/50).

Esta definição de Pio XII corresponde perfeitamente ao posicionamento interior de Maria Domingas depois que se tornou “a filha primogênita de Dom Bosco” (é importante notar que a expressão “filha primogênita” é usada pela própria Maria Domingas em uma de suas cartas ao Santo — Cf. Posada, M. Ester, “Cartas de M. Mazzarello”, p. 70).

O estudo desta figura histórica e da sua mensagem revela uma mulher que, por temperamento e formação, é atenta e receptiva, dinâmica e criativa diante da sua realidade; uma mulher “que soube enfrentar as situações e pessoas com as quais teve contato, inserindo-se no ambiente com sabedoria e responsabilidade.

Maria Domingas se apresenta, no quadro das Co-fundadoras do século XX, com uma personalidade bem definida e com uma missão específica, provenientes de dons de natureza e de graça,

* Conferência proferida na “Semana da Espiritualidade Salesiana”; França, agosto de 1979.

frutos de um verdadeiro carisma, dom do Espírito Santo que nela agia direta e indiretamente através das mediações particulares que influíram na sua formação como mulher-consagrada-Filha de Maria Auxiliadora-Co-fundadora-Mãe e Mestra de Vida espiritual. (Cf. Posada, M. Ester, "Introdução à espiritualidade de S.M. D. Mazzarello", p. 4).

Caminho espiritual e apostólico no itinerário da sua vida

Em primeiro lugar, procurarei dar uma visão sintética, mas indispensável, da sua vida e do seu itinerário espiritual, para que nos ajude a conhecer, ao menos um pouco, Maria Domingas na sua realidade essencial e a entender que não podemos prescindir dela e da primeira Comunidade de Mornese que, juntamente com ela, formam uma só coisa, para vivermos em profundidade o carisma salesiano feminino.

A sua existência desenrola-se no espaço de 44 anos (1837 a 1881) e desenvolve-se em sua maior parte em Mornese, pequena aldeia agrícola do Monferrato, pertencente à província de Alessandria, com uma população de 1.200 habitantes.

Terra rude, queimada pelo sol e cortada pelo vento.

No seu ambiente familiar

O ambiente familiar em que nasceu e cresceu é sereno, equilibrado, normal. É a primeira de sete irmãos, num lar sustentado sobretudo pela fé e pela sabedoria de papai José, homem honesto e trabalhador.

A família vivia do próprio trabalho, como todas as famílias simples da aldeia.

Maria, para ajudar a mãe, cuidava de seus irmãos menores. Isso desenvolvia nela o sentido da maternidade e revelava, ao mesmo tempo, um extraordinário talento educativo. Sabia manter os irmãozinhos bons e alegres com a narração de fatos agradáveis, como também sabia fazer-se obedecer por eles, não como a mãe que "com muitas palavras não obtinha quase nada", mas como o pai que "falava pouco, porém, de maneira resoluta e com eficácia" (cf. Cronistória I, 42).

Já maior, quando a família deixou a casa nativa "dei Mazzarelli" para transferir-se para Valponasca, a encontramos trabalhando nos vinhedos arrendados pelo pai.

"Sua força física e o seu próprio caráter inclinam-na para um trabalho viril" (Cronistória, I, 48). Nele supera, em resistência e rendimento, os homens que trabalham junto dela!

Parece que não era somente no catecismo que Maria desejava vencer todos os meninos (Cronistória I,34), mas também no trabalho do campo (Cronistória, I,44). Mais tarde, Irmã e Superiora, fará uma afirmação singular: "Ainda que sejamos mulheres, ninguém deve dominar-nos. O que é justo, é justo." (Maccono, "Suor M. Mazzarello", p. 158).

Na maturação progressiva de seu caráter feminino, Maria não sofreu complexos de inferioridade, mesmo tendo como virtude característica uma profunda humildade, fundamento de seu ardente amor e fonte de sua alegria comunicativa.

Adolescente que se abre para a vida, desejosa de conhecer e encontrar-se com pessoas diferentes, descobre no pai um precioso guia que a leva consigo aos mercados e feiras, saciando a sua legítima curiosidade, mas sempre atento para que nada turbe a pureza e transparência de sua primogênita.

Se precisássemos retratar M. Domingas entre os 17-18 anos, poderíamos descrevê-la assim: uma jovem robusta, trabalhadeira, que une:

- à delicada sensibilidade do coração, um temperamento forte e volitivo, levado a dominar;
- à sinceridade e à franqueza, a docilidade;
- ao ardor d'alma e à seriedade do empenho, um espírito arguto e libertado.

"Todos estes elementos contribuíram para determinar a sua personalidade e deixaram marcas na fisionomia do Instituto" (Cf. "Contributo di D. Bosco e di Madre Mazzarello al carisma di fondazione delle F.M.A., pp. 99-100)

Indubitavelmente, o Espírito Santo encontrou, em Maria, um bom terreno, graças ao trabalho de P. Pestarino, seu diretor espiritual. Nesta época, ela já havia superado sua aversão às pregações, a profunda repugnância para confessar-se, a típica vaidade feminina. Continuava a lutar contra o orgulho, obstáculo contra o qual sempre teve que combater. Talvez, devido a esta sua experiência pessoal, mais tarde exortou sempre suas filhas a combatê-lo sem descanso.

Sobretudo, inicia-se no segredo da oração e da Eucaristia. Cristo torna-se o centro para o qual orienta sua existência. Vence a preguiça e o sono, levantando-se todos os dias antes do sol e, algumas vezes, à noite, para encontrar-se diariamente com Jesus Eucaristia. Durante os trabalhos nos vinhedos, de vez em quando se afasta de todos para recolher-se um momento em oração. À tarde, permanece durante longo tempo na janelinha do sótão, com o olhar fixo e o coração preso ao Tabernáculo da Igreja paroquial. A sua vida de união com Deus torna-se sempre mais intensa, centralizada na Eucaristia e vivida sob o olhar materno

de Maria, venerada e amada como a Mãe das Dores (cf. Cronistória, I,80-81).

É importante este aspecto da primeira devoção de Maria Domingas à Virgem, como Mãe das Dores. Não deve desaparecer em nossa espiritualidade feminina a lembrança de que a Virgem das Dores é a Virgem co-redentora. Contemplando-a como co-participante do sofrimento redentor de Cristo, Maria Domingas aprende a orientar a sua vida interior para o dinamismo apostólico de participação na salvação das pessoas.

Na atividade paroquial

Chegam os anos da Imaculada! A proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria suscita o fervor mariano em todo o mundo e também em Mornese!

Nasce, por iniciativa de Ângela Maccagno, professora da aldeia, a Pia União das Filhas de S. Maria Imaculada.

M. Domingas estava entre as cinco primeiras inscritas.

Ela, que sempre havia vivido o sentido da amizade e partilhado os segredos de sua alma com a amiga Petronila, agora se abre à vida de grupo.

Um grupo que se havia imposto um regulamento, que falava “em prática privada dos conselhos evangélicos” e de “dedicar-se às meninas descuidadas pelos pais” (Cron. I,65).

Nele, Maria Domingas encontra eco para as suas aspirações interiores mais profundas.

Já havia feito, sem pedir conselhos a ninguém, sob a moção do Espírito Santo, o voto de virgindade e cultivava um intenso desejo de apostolado. Como Filha da Imaculada encontramos-la totalmente empenhada com a catequese para as meninas. Ao mesmo tempo, com a intuição que lhe é própria, alarga o seu campo de ação às mães. Isto não é formidável?

Bastante importante é este testemunho de Petronila: “Nas festas, depois da missa solene, reuníamos as mães em grupos de cinco e cada grupo era dirigido por uma Filha da Imaculada. Mas, as mães escolhiam com prazer o grupo de Maria Domingas, porque esta sabia melhor instilar o amor de Deus” (cf. Castano, “Santità Salesiana”, p. 33).

A doença

Neste momento, quando a piedade e o ardor apostólico começavam a harmonizar-se em Maria e a torná-la feliz com o seu modo de viver, o Senhor modifica a sua vida.

Uma chamada decisiva, através do P. Pestarino: "Você precisa ir ajudar os seus parentes, doentes de tifo".

Um momento de hesitação da natureza forte e cheia de vida e depois a resposta: "Se o Senhor deseja, vou, mesmo com a certeza de que contrairei a doença" (Cron. I,87).

O SIM da camponesa de Mornese atinge o vértice do sacrifício consciente e total de si para Deus e para os irmãos.

De fato, contrai a doença e chega quase à morte.

Mas Deus não deseja a vítima!

Acontece, então, uma lenta ressurreição. São horas de angústia. Sua força viril desaparece. Diante dela as estradas fecham-se. Sente que a vida, que lentamente retorna a seus membros, não lhe pertence mais... e não sabe como orientá-la.

A oração que brota do profundo do seu espírito, totalmente purificado pela dolorosa experiência, é o sinal do seu caminho espiritual: "Senhor, se me deres um pouco de vida, faze que eu seja esquecida por todos, menos por Ti" (Cron. I,98).

Mudança de "Caminho"

Quando compreendeu, através do sofrimento, que o verdadeiro valor da vida é "viver escondida com Cristo em Deus" (Col 3,3), volta à luz e descobre uma estrada: a "sua" estrada!

A doença desgastou-lhe o físico, mas não lhe quebrou o vigor e a fortaleza do espírito. Maria Domingas se encaminha para a "sua" estrada, sem ouvir os falatórios da aldeia, superando as dificuldades surgidas na família e as incompreensões de algumas das companheiras de grupo.

A Virgem Co-redentora (das Dores), a Imaculada, "a primeira redimida entre os filhos da Igreja" (L.G., VIII, 53), a estimula a tornar-se, com Ela, "auxílio" para salvar a juventude.

Maria Domingas amadurece o propósito de separar-se da família e do grupo das Filhas da Imaculada, para criar "sua" família espiritual consagrada exclusivamente ao crescimento integral das meninas da aldeia.

Tem 23 anos!

Com Petronila, aprende costura, abre uma sala de trabalho, um pequeno orfanato, o oratório, com um objetivo bastante claro: reunir as meninas para torná-las boas e livres dos perigos. (Maccono, p. 71 e 77).

Agora, as Filhas da Imaculada se dividem em dois grupos: as que, sob a direção da Maccagno, vivem com a própria família e aquelas que vivem em comunidade com Maria Domingas. Esta,

graças à sua dinamicidade e espontâneo reconhecimento das companheiras, se torna a responsável pela pequena comunidade composta pelas Filhas da Imaculada, pelas meninas externas e por algumas internas.

Nasce, no campo feminino, como fruto de uma vocação apostólica em resposta às necessidades da aldeia, uma obra — ainda bastante modesta — que possui o mesmo objetivo do Oratório de Dom Bosco em Turim: “Recolher e educar jovens abandonados, para torná-los bons cristãos e honestos cidadãos”.

O encontro com Dom Bosco

O encontro com Dom Bosco acontece somente em 1864, quando Maria Domingas, já mulher de 27 anos, sob a ação do Espírito Santo, atingiu a sua maturidade.

“Este encontro é uma ocasião preparada pela Providência para que Maria tome maior consciência do significado do caminho percorrido até agora sob a direção de Deus, e para precisar melhor a meta e o caminho que deverá percorrer ainda, para realizar o seu designio” (cf Colli, *ibidem*, p. 109).

Temos duas expressões de Maria frente a Dom Bosco, expressões cheias de significado, que iluminam o seu itinerário de consagrada-apóstola, que enxerta o próprio carisma pessoal no carisma salesiano, para vivê-lo com sua típica personalidade:

“Dom Bosco é um Santo e eu o sinto!” (Maccono, 122).

Esta expressão dita na ocasião do primeiro encontro revela, da parte de Maria, a intuição de Dom Bosco como homem de Deus, como aquele tipo de santidade que responde às suas aspirações mais secretas.

Nos primeiros tempos da vida da Congregação, quando as dificuldades de todos os tipos surgiam, Maria disse:

“Mesmo se acontecesse o impossível, se P. Pestarino deixasse Dom Bosco, eu ficaria com Dom Bosco” (Cron. II,106).

Estas palavras revelam como M. Domingas sentia encarnada, em Dom Bosco, aquela intuição e realização de vida apostólica que Deus desejava para ela. “Dom Bosco, de sua parte, não poderia imaginar instrumento mais idôneo para a realização do seu projeto; um instrumento que ele não havia escolhido nem preparado, mas que a Providência o havia feito encontrar no momento oportuno e do qual o Espírito Santo se serviu para suscitar na Igreja um Instituto que refletisse, no feminino, a fisionomia da Congregação Salesiana” (Colli, *ibidem*, p. 92).

Quando chega a Mornese a proposta de Dom Bosco para a fundação de uma comunidade que trabalhasse segundo o seu espírito, Maria Domingas adere imediatamente, de maneira total,

livre e responsável. Ao longo dos anos, ela se tornará colaboradora direta e corresponsável, no sentido mais amplo do termo.

Filha de Maria Auxiliadora, salesiana de Dom Bosco

Quando, a 5 de agosto de 1872, juntamente com 11 companheiras, emite os votos na presença do bispo de Acqui e de Dom Bosco, tem 35 anos.

P. Lemoyne, um dos diretores espirituais mandados por Dom Bosco a Mornese, descreve-a assim: “Era de uma índole ardente, temperada pela doçura e caridade. Havia conquistado um grande domínio de si mesma e vivia continuamente na presença de Deus, sempre muito atenta para agradá-lo em tudo. Consumia-se de zelo apostólico. Possuía um grande bom senso; desagradava-lhe toda singularidade nas devoções. Possuía visão intuitiva, prontidão de julgamento e vontade enérgica. Era franca e sincera em suas opiniões, sabia sustentá-las, mas, depois, submetia-se às decisões dos Superiores. Seu coração era sensibilíssimo, imparcial com todos. O seu agir era desembaraçado, espirituoso, ainda que discreto, o seu porte era natural e nobre” (cf. M. B. X, 644).

Nesta descrição, não existem numerosos pontos em comum com a fisionomia espiritual de Dom Bosco?

Nos nossos fundadores, encontramos uma “direção linear,” isto é, um fio condutor que integra as potencialidades, interesses e capacidades pessoais ao redor de um valor central.

“A nossa é, na verdade, uma “espiritualidade simplificadora” (não simplista), capaz de levar a comportamentos e atitudes essenciais” (cf. M. E. Posada, *ibidem*, p. 15).

Fundada a Congregação, M. Domingas Mazzarello dirige-a por nove anos: sete em Mornese e dois em Nizza Monferrato.

Poucos anos, mas suficientes, graças à sua forte e harmônica personalidade, para deixar marca definitiva à “Comunidade de Formação” e para transmitir ao Instituto o “Espírito de Mornese”, definido pelo P. Caviglia, um dos primeiros estudiosos da espiritualidade salesiana, nestes termos:

“O espírito genuíno da salesianidade feminina”.

P. Viganò, um ano atrás em Mornese, lhe faz eco, dizendo:

“Mazzarello inaugura uma característica feminina na salesianidade” (cf. P. Viganò, “Non secondo la carne, ma nello Spirito”, p. 106).

Permanece sempre a mesma: humilde, ativa, dinâmica, alegre, toda entregue a Deus, a serviço das irmãs e das meninas (humildade, caridade, alegria, harmonizadas com uma extrema simpli-

cidade, são as características de seu caminho espiritual em grau ascensional até a morte), mas com um novo e grande empenho:

“Compreender, assimilar, realizar o carisma salesiano para as jovens”.

São deste período algumas expressões típicas da Santa:

— “Observemos a Santa Regra; ela nos foi dada por Dom Bosco e Dom Bosco sabe que o Deus e Maria desejam de nós”!

— “Vivamos na presença de Deus e de Dom Bosco!”

As Irmãs enviadas para a fundação da primeira casa em Turim, dizia: “Vocês, que estão vizinhas a Dom Bosco, são felizes! Ouçam bem tudo o que lhes diz e depois me transmitam para que também eu possa imitá-lo” (Maccono, 272).

A experiência feminina do Carisma Salesiano

Podemos, agora, delinear as características do espírito de Mornese ou da salesianidade feminina:

— Vida de intensa união com Deus, centralizada na Eucaristia e vivida em grande simplicidade de estilo.

— Profundo amor a Maria das Dores, Imaculada, Auxiliadora, considerada Mãe, Inspiradora e verdadeira superiora do Instituto.

— Espírito de sacrifício e de mortificação heróica, como fruto de uma convicta e entusiástica união com Deus.

— Espírito de trabalho e de grande pobreza, uma pobreza aceita e amada porque torna, a quem a pratica, mais semelhante a Jesus pobre. — M. Domingas sempre teve predileção pela pobreza.

— Grande obediência e forte sentido do dever como expressão de adesão à vontade de Deus.

— Consciência viva de pertença a uma família religiosa que deve ter uma fisionomia e fins bem definidos tal como Dom Bosco a concebeu.

— Sentido vivo da comunidade como grupo que realiza um projeto apostólico de salvação da juventude e nesta realização encontra sua santificação.

— Exercício da autoridade no estilo familiar de colaboração fraterna. M. Domingas torna-se superiora porque as companheiras assim o desejam, mas todas juntas continuam a ajudá-la para a boa direção da casa. Ela, pois, convicta de ser somente a Vigária, porque a verdadeira Superiora é Nossa Senhora, coloca-se sempre a serviço de todas.

— Sentido da realidade, que predispõe as Irmãs, no âmbito do carisma, para assumirem toda iniciativa apostólica, conforme as necessidades locais.

— Abertura para grandes horizontes. E isto é o que mais impressiona no grupo daquelas camponesas de Mornese.

“O sentido da universalidade está ligado ao carisma salesiano e ao coração de Dom Bosco, mas surge também do surpreendente crescimento vocacional e do anseio missionário de M. Domingas e das primeiras irmãs” (Viganò, p. 122).

As duas primeiras fundações francesas estão ligadas à Madre Mazzarello, que visitou pessoalmente La Navarre e Saint Cyr, e depois com ardor inacreditável mandou as primeiras filhas para a América, desejando ir ela mesma” (Cf. M. E. Posada, “Cartas de Madre Mazzarello).

— Sentido de serviço à Igreja local, que se estende pouco a pouco a toda a Igreja. Grande amor ao Sumo Pontífice. “M. Mazzarello chegou a Roma com as duas primeiras missionárias e se encontrou com Pio IX. A recordação desta audiência permaneceu viva por toda a sua vida de tal modo que se emocionava todas as vezes em que nela falava” (Cf. Cron. II,283).

Em sete anos, o espírito de Mornese se consolida com uma força que, inegavelmente, vem de Deus: “Conquista força vital, capacidade de resistência, impulso de crescimento, facilidade de adaptação em qualquer lugar do mundo” (P. Viganò, *ibidem*, p. 124).

Esta é a experiência feminina do carisma salesiano!

O epistolário de Madre Mazzarello, na extrema simplicidade do estilo, evidencia claramente tal experiência, vivida sob a aprovação do Fundador.

P. João Cagliari, enviado por Dom Bosco a Mornese como Diretor espiritual das irmãs, deixa escrito, nas suas memórias, um singular testemunho muito significativo e empenhativo, para nós: “Dom Bosco me disse: ‘Você conhece o espírito do nosso Oratório, o nosso Sistema Preventivo e o segredo para fazer o bem: caridade paciente e bondade constante. Pois bem, estes requisitos M. Mazzarello os possui e por isto podemos ficar confiantes no governo do Instituto e das Irmãs... que, por sua vez, seguindo o modelo da Madre, não possuem outro fim senão o de santificar-se, fazendo o bem para a juventude’ (Maccono I, 224).

Madre Mazzarello exercerá nesta fidelidade a Dom Bosco a sua tarefa até quando se julgar apta para servir o Instituto. Quando, pelo desenvolvimento da obra, tiver a sensação de não poder mais continuar na sua missão, pedirá insistentemente para ser exonerada. Não sendo atendida pelos homens, recorrerá ao

Senhor com a certeza de que será ouvida e oferecerá a sua vida para o bem do Instituto” (cf Cron. III,361).

O próprio Dom Bosco confirmará que a vítima foi agradável ao Senhor (cf Cron. III,354).

Aos 44 anos, o projeto de Deus sobre ela estava realizado e a *experiência feminina do Carisma Salesiano* — vivido por ela, em primeiro lugar instintivamente por impulso do Espírito e depois conscientemente, como resposta à Vontade de Deus — *era uma nova realidade, dom do Espírito à sua Igreja.*